



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA

MONOGRAFIA

**Avaliação do comportamento social de cães que frequentam o “ParCão” do Parque
Dona Lindu na Zona Sul do Recife-PE**

Patricia Monteiro de Lira

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA

MONOGRAFIA

**Avaliação do comportamento social de cães que frequentam o “ParCão” do Parque
Dona Lindu na Zona Sul do Recife-PE**

Patricia Monteiro de Lira

Graduanda

Professor Orientador: Prof. Dr. Júlio César dos Santos Nascimento

Co-orientador: Lucilo Bioni da Fonseca Filho

Recife- PE

Junho, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

L768a Lira, Patricia Monteiro de
Avaliação do comportamento social de cães que freqüentam o “ParCão”
do Parque Dona Lindu na Zona Sul do Recife, PE/ Patricia Monteiro de Lira.
– 2018.
30 f. : il.

Orientador: Júlio César dos Santos Nascimento.
Coorientador: Lucilo Bioni da Fonseca Filho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Departamento de Zootecnia, Recife, BR-PE, 2018.
Inclui referências e anexo(s).

1. Cães – Comportamento 2. Comunicação homem-animal 3. Animais
domésticos – Comportamento I. Nascimento, Júlio César dos Santos, orient.
II. Fonseca Filho, Lucilo Bioni da, coorient. III. Título

CDD 636



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA

Patricia Monteiro de Lira

Graduanda

Monografia submetida ao Curso de Zootecnia como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Zootecnia.

Aprovada em 23 de agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio César dos Santos Nascimento (Orientador)

Prof. Dr. Fernando de Figueiredo Porto Neto

MSc. Gilcifran Prestes de Andrade

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir a conclusão de mais um capítulo da minha vida acadêmica, dando-me forças para superar todas as minhas dificuldades. *“Tudo o que tenho, tudo o que sou e o que vier a ser, vem de ti Senhor.”*

Aos meus pais Paulo e Rejane, minha eterna gratidão pelo incentivo, confiança e apoio incondicionais em todos os aspectos da minha vida. Vocês nunca mediram esforços para que eu realizasse esse sonho, e sem vocês eu nunca teria chegado onde cheguei.

Ao meu marido Sidcley pelo amor e parceria de sempre, por cada palavra de ânimo que me deu força e coragem, sempre acreditando no meu potencial. Obrigada pelo apoio em todos os momentos desta jornada. Amo você.

Aos meus irmãos, amigos e demais familiares, incluindo a família Alves, por sempre torcerem pelo meu sucesso em todas as etapas da minha vida.

A minha vó Dalva, por todo amor e cuidado que tem comigo. Que Deus me dê-me a benção de tê-la junto a mim ainda por muitos anos, com toda a sua experiência e aconselhamento.

Ao meu orientador, prof. Dr. Júlio César dos Santos Nascimento, por ter aceitado esse desafio; pela paciência e atenção, tornando possível o desenvolvimento desse trabalho. Da mesma forma ao meu co-orientador Lucilo Bioni da Fonseca Filho pela disponibilidade e incentivo, sempre muito solícito e disposto a ajudar.

A profa. Dr. Tayara Soares, que me inspirou na busca pelo tema e me orientou até quando foi possível. Obrigada por cada conhecimento transmitido.

Ao prof. Dr. Hélio Manso, pela colaboração e por ouvir-me quando precisei.

A minha amiga Rebeca, pela amizade e parceria desde o começo da minha trajetória no curso.

Aos meus amigos de turma, companheiros de jornada, por todos os momentos maravilhosos partilhados ao longo desses anos; as minhas “coleguinhas” Amanda, Andreza, Daniela, Laura e Marisol por estarem sempre ao meu lado, tornando o meu caminho muito mais leve.

De forma especial, agradeço a Daniela e a Laura por me ajudarem nas entrevistas. Sem dúvida eu não teria conseguido sem a ajuda de vocês.

A todos os tutores dos cães que se dispuseram a participar das entrevistas, ponto fundamental para a conclusão desta monografia.

A todos os animais que passaram pela minha vida, me fazendo lembrar todos os dias o porquê da escolha deste caminho.

Por fim, agradeço a todos que compõem o curso de Zootecnia da UFRPE, de funcionários a professores, por terem contribuído direta ou indiretamente para minha formação nesta instituição.

Muito obrigada a todos!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Teorias acerca da origem e domesticação dos cães.....	12
2.2 Evolução da interação entre o cão e o homem.....	13
2.3 Alterações comportamentais do cão.....	14
2.3.1 Agressividade x Dominância Canina.....	15
2.3.2 Ansiedade de separação.....	16
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
5. CONCLUSÃO.....	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
ANEXO 1 – Questionário de avaliação do comportamento social dos cães.....	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. ParCão do Parque Dona Lindu, Boa Viagem.....	17
Figura 2. Distribuição percentual relacionada ao tipo de moradia.....	18
Figura 3. Distribuição percentual do local de criação do cão.....	19
Figura 4. Distribuição percentual dos sinais de agressividade.....	19
Figura 5. Distribuição percentual do momento em que o animal mostra-se agressivo.....	21
Figura 6. Distribuição percentual da frequência de passeios.....	22
Figura 7. Distribuição percentual sobre a resistência a posturas submissas.....	23
Figura 8. Distribuição percentual do comportamento do cão quando deixado sozinho.....	24

RESUMO

Desde a sua domesticação, os cães têm conquistado cada vez mais espaço na sociedade. Estes animais contribuem de forma direta na qualidade de vida do seu proprietário, quer seja desempenhando funções de caráter humanitário ou como animal de companhia. Essa proximidade do homem com o cão deve-se, em sua maioria, ao crescimento das cidades e desenvolvimento da civilização moderna, que têm diminuído o espaço físico entre essas espécies e isolado os seres humanos uns dos outros. Como resultado, esses animais passaram a ser considerados membros da família, ocasionando uma nova configuração social na relação entre ambos. No entanto, uma interação inapropriada entre humanos e cães pode desencadear uma série de distúrbios comportamentais, como a agressão e a ansiedade de separação. Deste modo, objetivou-se a realização de uma pesquisa no “ParCão” localizado no Parque Dona Lindu, situado no bairro de Boa Viagem, Zona Sul do Recife, onde na ocasião foram feitas entrevistas com os proprietários de cães a fim de se caracterizar o comportamento dos cães e a relação da interação homem-animal. Foram utilizados questionários estruturados, aplicados de forma aleatória a 60 tutores de cães que frequentam o “ParCão”, contendo perguntas referentes à finalidade da criação, frequência de passeios e a ocorrência de comportamentos anormais. Os dados foram tabulados e analisados de forma descritiva utilizando o software Microsoft Office Excel® 2016, onde pôde-se concluir que a regularidade dos passeios tem reduzido de forma significativa os graus de agressividade e ansiedade nesses animais, promovendo a socialização adequada e, conseqüentemente, o bem-estar de ambas as espécies.

Palavras Chave: antropomorfização, comportamento canino, problemas comportamentais.

ABSTRACT

Since its domestication, the dogs have conquered increasingly space in society. These animals contribute directly at quality of life of its owner, either performing duties of humanitarian character or as pet animal. This proximity of man with the dog must, in your majority, to the growth of cities and development of modern civilization, what has decreased the physical space in between these species and isolated the human beings each other. As a result, these animals became considered members of the family, causing a new social configuration in the relationship between both. However, an inappropriate interaction between humans and dogs can trigger a series of disturbances behavioral, such as aggression and separation anxiety. That way, the objective was to of a survey in the “ParCão” located in the park Dona Lindu, situated in the Boa Viagem, South Zone of Recife, at where in this ocasion interviews were made with dog owners to characterize the behavior of dogs and the relationship of interaction animal man. Were used structured questionnaires, applied at random to 60 dog guardians who attend the "ParCão", containing questions concerning the purpose of creation, frequency of tours and the occurrence of abnormal behaviors. The data were tabulated and analyzed descriptively using the software Microsoft Office Excel® 2016, at where it can be concluded that the regularity of the tours has reduced significantly the degrees of aggression and anxiety in these animals, promoting adequate socialization, and thus improving the welfare of both species.

Key words: anthropomorphization, canine behavior, behavioral problems.

1. INTRODUÇÃO

A ligação do cão com o homem tem se dado há pelo menos 10.000 anos (Savolainen *et al.*, 2002). No decorrer desse tempo, os cães realizaram diversas funções e, embora existam diferenças comportamentais entre raças, alguns comportamentos primordiais do cão doméstico permaneceram similares aos do lobo, seu ancestral próximo. Contudo, a domesticação possibilitou a adaptação do cão ao ambiente humano, provocando uma série de mudanças no seu comportamento social.

O homem sempre conviveu com os animais conforme as suas necessidades, ambos se adaptando de forma recíproca. Com a maior procura de cães como animal de companhia houve necessidade de melhorar a convivência com esta espécie. Atualmente, alguns estudos e ciências, como a etologia, colaboram para uma melhor compreensão sobre o comportamento dos cães.

Algumas teorias sugerem, através de diferentes métodos, estratégias fundamentais à educação e interação humano-cão. A teoria da matilha é uma delas, e se tornou popular embora divida opiniões. Baseia-se no conceito de dominância, presumindo a disputa da posição social hierárquica do proprietário com o seu cão (Costa, 2015).

Na atualidade, o número de cães como animais de estimação é crescente. A urbanização em constante crescimento e o aglomeramento nos centros urbanos têm contribuído com essa maior proximidade, sendo esses animais considerados até mesmo um componente da família.

No entanto, com os animais de companhia passando a exercer um papel de maior relevância, ocupando espaços criados pela própria sociedade, muitas vezes não são levados em consideração o comportamento natural destes, uma vez que os mesmos são postos dentro de casa e muitos dos seus hábitos instintivos são mudados. Esse processo é conhecido por antropomorfização, e caracteriza-se pela atribuição de atitudes e qualidades humanas a seres não humanos e que, de forma exagerada, pode causar transtornos nesses animais, visto que o modo como eles são criados interfere no comportamento que eles apresentarão à sociedade.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é avaliar o comportamento social de cães domiciliados que frequentam o “ParCão” do Parque Dona Lindu, localizado na cidade do Recife.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Teorias acerca da origem e domesticação dos cães

Estudos genéticos calculam a origem do cão doméstico (*Canis familiaris*) entre 10.000 e 15.000 anos atrás (Savolainen *et al.*, 2002), apesar de achados arqueológicos mostrarem esqueletos de cães datando em torno de 30.000 anos a partir do surgimento do homem (Royal Canin, 2001). Evidências relacionadas a genética, características físicas, comportamento e morfologia, apontam o lobo cinzento (*Canis lupus*) como seu parente mais próximo (Vilà *et al.*, 1997), visto que a diferença genética entre eles é bem menor comparado a outros canídeos como coiotes e chacais (Beaver, 2001).

A versão mais popular é a de que o cão tenha sido obtido através do treinamento de lobos, sendo então os mais mansos e tranquilos cruzados e evoluídos para cães. No entanto, Coppinger & Coppinger (2002) vão de encontro a esta teoria, defendendo a hipótese de que o cão doméstico tenha se originado através do processo de seleção natural e não por intervenção humana. Segundo estes mesmos autores, ainda na Idade da Pedra quando começaram a se formar os primeiros povoados, os lobos foram sendo atraídos pelas lixeiras com resíduos alimentares humanos, os mais corajosos teriam ganhado vantagem sobre os mais temerosos aproximando-se cada vez mais dos humanos como uma adaptação necessária para se alimentar e, após várias gerações, teriam evoluído à uma população geneticamente mansa e adaptada a essa condição.

Essa população teria passado por mudanças morfológicas que possibilitaram uma melhor exploração do novo ambiente, como o encolhimento do crânio e dentes, sendo, portanto, os animais menores e mais calmos preferencialmente escolhidos (Coppinger & Coppinger, 2002; Yin, 2007). Essa interação, portanto, teria sido vantajosa para ambas as espécies, pois, em troca de recursos alimentares, o homem recebia proteção contra invasores graças aos sentidos apurados de audição e olfato desses animais (Lantzman, 2013). Ainda de acordo com essa hipótese, o homem havia domesticado não mais um lobo e sim um cão, que após um processo evolutivo teria chegado à diversidade de cães dos dias atuais.

O cão teria sido então o primeiro animal a ser domesticado. Sua domesticação coincide com o período em que o homem começou a deixar de lado o comportamento nômade e de caça, aderindo a agricultura (Larson *et al.*, 2012). Segundo Belyaev (1979), denomina-se animal doméstico aquele que consegue relacionar-se com o homem sem manifestar medo,

submetendo-se a ele e sendo capaz de continuar se reproduzindo. Em outras palavras, o animal tem toda a sua estrutura genética alterada devido sua adaptação ao ambiente humano.

Homens e cães têm compartilhado então, desde o princípio, uma relação de parceria, e através da seleção artificial houve ao longo do tempo uma diversificação de raças, características físicas, comportamentos e aptidões (Carvalho & Waizbort, 2008).

2.2 Evolução da interação entre o cão e o homem

Em termos de convivência e domesticação, a ligação do homem com os animais em sua evolução deu início a um dos eventos mais significantes (Lampert, 2014), não se dando por submissão, mas sim caracterizada por recíprocos benefícios, diferente do que ocorreu com a maior parte das espécies domesticadas.

De acordo com as evidências antropológicas, os cães dividem o mesmo espaço com o homem há mais de 15.000 anos (Overall *et al.*, 2014). Com a urbanização e advento do saneamento básico, a convivência na cidade ficou ameaçada, e com o tempo esses animais tornaram-se animais de estimação, cuja diferença para outras espécies estava no fato de poder receber um nome individual, ter acesso ao interior da residência e não servir de alimento para o homem (Thomas, 2001).

No Passado, os cães eram mantidos para exercerem tarefas mais práticas como caçar, proteger tropas, puxar trenós, etc., não havendo então essa ligação como nos dias atuais. O processo de domesticação alterou alguns dos comportamentos do cão e permitiu a eles a capacidade de melhor adaptação aos ambientes dominados pelo homem. Algumas aptidões deixaram de fazer sentido, enquanto outras, ganharam funções diferentes (Rossi, 2010).

Por ser um animal sociável e inteligente, o cão, na maioria das vezes, aceita o seu proprietário como o “chefe da matilha”, e sua grande capacidade em aprender e comunicar-se com os humanos possibilitou a integração desta espécie na sociedade em diferentes posições, seja de animais de companhia ou de trabalho, podendo realizar tarefas de grande utilidade como pastoreio, resgate, guarda, entre outras. Muitos desses trabalhos são de grande importância humanitária (Azevedo, 2008), em especial a crianças e idosos, e podem ser realizados pela maioria dos cães, mesmo sem raça definida. Porém, nem todos os cães são receptivos, sendo, portanto, essencial que haja uma prévia seleção e treinamento dos mais dotados.

Porém, desde a sua domesticação até hoje, essa interação com o ser humano foi passando por mudanças e, acredita-se que atualmente seja semelhante à relação estabelecida

entre mãe e filho, com o proprietário aceitando-o como mais um integrante da família e assumindo um importante papel no comportamento do cão.

A humanização desses animais pode ser percebida nas ruas, onde cães são adornados por seus proprietários com roupas e acessórios totalmente dispensáveis a sua condição, resultando então num processo conhecido por antropomorfização, que é a transferência de características humanas aos animais. Este processo pode ser danoso ao cão, caso não sejam levadas em consideração as necessidades naturais dos mesmos, porém, pode ser aceitável se não ocorrer de forma exagerada e vier atrelado a benefícios como uma alimentação mais adequada e maiores cuidados veterinários.

2.3 Alterações no comportamento social do cão

Nos últimos anos, em consequência das mudanças do papel do cão na sociedade, assim como seu novo estilo de vida, tem se tornado comum os animais desenvolverem problemas comportamentais desencadeados, muitas vezes, pela falta de conhecimento e interpretações erradas do homem em relação ao comportamento natural do cão e sua forma de comunicação. A maioria dos proprietários baseiam-se em teorias e suposições transmitidas ao longo dos anos, não conseguindo interpretar de forma correta o comportamento de seus cães, sendo este, talvez, o maior problema na relação entre ambos. Porém, para Rondinoni (2000), uma das razões de conflito entre homens e cães está no fato de eles possuírem sistemas sociais muito semelhantes.

Problemas comportamentais representam uma das grandes razões de abandono de cães, tendo como principais justificativas: episódios de agressividade, desobediência, fugas e latidos excessivos (Segurson *et al.*, 2005). A agressividade, inclusive, é um dos instintos que não foi perdido, apesar da domesticação, mas manteve-se como um fator de sobrevivência na espécie canina (Rossi, 1999).

É importante ressaltar que a maioria dos problemas comportamentais possuem tratamento, sendo necessário, portanto, um diagnóstico preciso e adequado ao tipo do problema, levando em consideração particularidades do proprietário e de sua família (Soares *et al.*, 2010), os quais têm relação direta com o êxito final desse tratamento, que inclui, em alguns casos, apenas a possibilidade de momentos lazer, como brincadeiras e exercícios, que além de proporcionar um pouco de distração, permitem ao animal expressar o seu comportamento natural (Landsberg *et al.*, 2004).

2.3.1 Agressividade x Dominância Canina

A agressividade é o principal problema pelo qual cães são levados a centros de aconselhamento especializados e, segundo Landsberg *et al.*, (2004) refere-se ao comportamento de ameaça ou perigo dirigido a outro indivíduo. Ainda segundo este autor, a agressão engloba uma ampla variedade de outros comportamentos, que vão desde posturas corporais e expressões faciais até ataques violentos. Apesar do significado, a agressão no reino animal é parte essencial no conjunto de instintos que visam a proteção da vida (Lorenz, 2001) e, neste caso, faz parte do repertório comportamental da espécie canina.

A agressão pode ser causada por diferentes estímulos como dor, dominância, medo, proteção ou predação (Mundim *et al.*, 2007). As vítimas podem ser de qualquer espécie, principalmente humanos e outros cães, dessa forma, é importante estudar cada caso em particular, antes de se tomar as medidas necessárias.

Os cães ainda são vistos como animais de matilha, apesar de existirem opiniões contrárias. A teoria da matilha é frequentemente utilizada como método de referência de treinamento, e defende que os cães domésticos formam hierarquias estáveis com outros cães e com seus proprietários, e tentará constantemente disputar a posição de líder. Sendo assim, comportamentos como a agressividade são muitas vezes associados a uma postura de dominância e uma hierarquia incorreta, usando os conceitos de dominância e agressividade como sinônimos (Rowles, 2009).

De acordo com Millan (2007), nas relações sociais dos cães só existem dois papéis possíveis: dominante ou submisso. Portanto, o proprietário deve assumir a posição de líder a fim de controlar o animal, impedindo que ele dispute essa posição e apresente comportamentos agressivos. Todavia, Abrantes (2011) não faz associação entre agressão e dominância, sendo esta última descrita por ele como um comportamento demonstrado com a finalidade de se obter um recurso de forma temporária em oposição a outro indivíduo, podendo ser alimento, território, parceiro sexual, entre outros. Não obstante, de acordo com Rowell (1974), a existência de hierarquias não significa uma ausência de comportamentos agressivos. Lesões e ataques físicos podem surgir nas relações de dominância caso nenhum dos indivíduos se submeta.

O adestramento surge então como uma boa alternativa para a correção desses comportamentos indesejáveis. Uma convivência satisfatória entre o cão e o homem, influencia diretamente no comportamento demonstrado por esses animais.

2.3.2 Ansiedade de separação

A síndrome de ansiedade de separação (SAS) é uma condição clínica que se caracteriza por uma série de comportamentos exibidos por cães quando separados de uma figura de apego, podendo ser uma pessoa ou outro animal (Appleby & Pluijmakers, 2004). Em outras palavras, pode ser definida como o conjunto de comportamentos apresentados pelos cães quando deixados sozinhos (Novais *et al.*, 2010), pelo forte vínculo criado pelo animal com seu proprietário. A SAS é considerada, portanto, um problema comportamental comum, visto que os cães são animais extremamente sociais. Esse vínculo com o tutor é um elemento fundamental para a manutenção de seu equilíbrio emocional (Appleby & Pluijmakers, 2004), sendo a separação um agente estressor que acaba por acarretar numa série de respostas comportamentais e fisiológicas que ocorrem não só quando o proprietário não está em casa, mas também quando o acesso a ele encontra-se restrito ou o cão não tem sua atenção (Landsberg *et al.*, 2004).

Os principais sintomas apresentados pelos animais nessas condições são a vocalização excessiva, latidos, defecação ou micção em locais inapropriados, salivação, comportamentos destrutivos, vômitos e distúrbios compulsivos, sendo todos esses sinais exibidos com ou sem a presença do dono (Novais, 2010; Bordin, 2012), que muitas vezes interpreta esses comportamentos como uma espécie de vingança do cão pelo fato de ter sido deixado sozinho (McCrave, 1991).

Uma das formas de tratamento para a SAS seria a terapia, que vai ajudar o cão a tolerar as ausências de seu proprietário e auxiliar na correção de alguns problemas específicos, como os latidos excessivos e a defecação e/ou micção eliminação inapropriada (Dias *et al.*, 2013). No entanto, o tratamento pode variar conforme o grau da síndrome, sendo necessário, portanto, que seja realizada uma observação prévia do cão antes de se tomar as medidas de correção.

A compreensão desses sinais clínicos pelo proprietário é de extrema importância para que se estabeleça uma relação saudável entre ele e o animal promovendo também o bem-estar do mesmo, visto que tais comportamentos podem levar ao abandono e maus tratos desses animais, além de outras consequências indesejáveis (Paixão & Machado, 2015).

3. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no “ParCão” do Parque Dona Lindu, localizado no bairro de Boa Viagem, Zona Sul do Recife, entre os meses de junho e julho de 2018. Os “ParCães” são áreas destinadas ao lazer de cães juntamente com seus donos, munidas de equipamentos de agility, obstáculos e bebedores, que permitem ao animal brincar e se exercitar com mais liberdade. O espaço reservado possui uma área de 845m² e foi desenvolvido pela Prefeitura da Cidade do Recife, através da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer, em 25 de março de 2018 (Figura 1).

Foram utilizados questionários estruturados contendo perguntas de múltipla escolha, segundo a metodologia descrita por Boni & Quaresma (2005), aplicados de forma aleatória a 60 proprietários de cães que frequentam o referido “ParCão” em três visitas alternadas, sendo duas delas no horário da manhã e uma no final da tarde. As perguntas foram elaboradas baseando-se nas hipóteses de parâmetros que teriam influência no comportamento do animal, e foram levados em consideração o local de habitação dos animais, a finalidade da criação, ocorrência de comportamentos anormais e a relação entre o proprietário e o seu cão (Anexo 1).

Os dados obtidos foram analisados de acordo com a frequência das respostas, através da estatística descritiva com o uso do programa Microsoft Excel® 2016.



Figura 1. ParCão do Parque Dona Lindu, Boa Viagem.

Fonte: Leo Motta / JC Imagem/2018

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 60 proprietários de cães que frequentam o “ParCão” situado no Parque Dona Lindu, onde, do total de questionários aplicados, constatou-se que a maioria apresentou idades compreendidas entre 24 e 34 anos, sendo mais da metade pertencentes ao sexo feminino (63,33%).

Em relação ao tipo de moradia, 85% dos entrevistados afirmaram que residem em apartamentos (Gráfico 1), comum naquela região com alto padrão residencial. O bairro de Boa Viagem é um dos mais nobres do Recife, sendo destaque pelo forte poder turístico e comercial. O crescente fenômeno da verticalização, com a construção de grandes e inúmeros edifícios, justifica a preferência por animais de pequeno porte (58,33%) pela maior facilidade no manejo em geral. As residências possuem espaço cada vez mais reduzido, e os tutores têm optado assim por cães que se adeque ao seu estilo de vida (Domingues, 2017). Além disso, alguns desses edifícios, de acordo com seu regimento interno, só permitem a criação de animais de pequeno porte (Padovani, 2017).

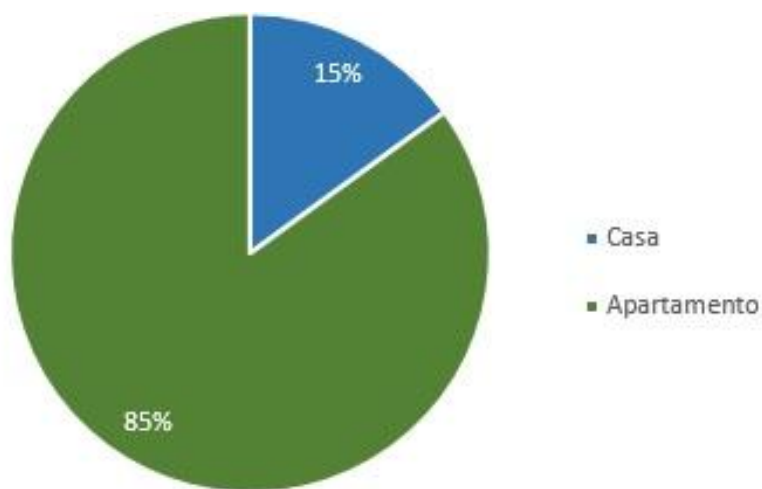


Figura 2. Distribuição percentual relacionada ao tipo de moradia.

Aliado a isso, 91,67% dos tutores responderam que criam seu cão com a principal finalidade de animal de companhia, diferentemente do início da domesticação, onde os cães eram utilizados para funções mais práticas como proteção e caça. Este fato confirma o aumento da relação afetiva da população com essa espécie, onde esses cães são usados muitas vezes para preencher necessidades sociais e emocionais, substituindo assim companhias humanas (Beaver, 2001).

Quando questionados sobre o local de criação dos cães, 76,67% dos entrevistados disseram criar seus cães totalmente dentro de casa, contra 20% e 3,33% que afirmaram criá-

los dentro e fora de casa e apenas fora de casa, respectivamente (Gráfico 2), reafirmando esse laço afetivo com o animal, onde eles são aceitos como um integrante da família, sendo quase em sua totalidade criados soltos (86,67%) e tendo total acesso a todos os cômodos da casa, inclusive camas e sofás.

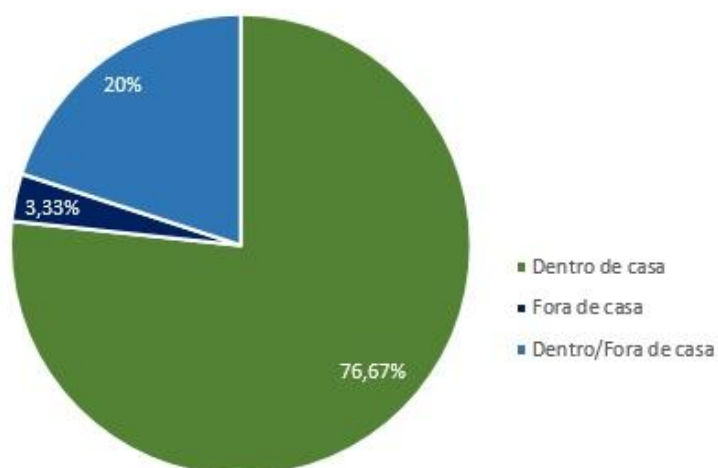


Figura 3. Distribuição percentual do local de criação do cão.

Sobre o sexo do animal, 55% deles pertenciam ao sexo masculino, contrariando assim as teorias que revelam a preferência pelas fêmeas em se tratando de animais de companhia, sendo descritas como mais afetivas, obedientes e menos destrutivas que os machos, por sua vez, mais agressivos e ativos, segundo Landsberg et al., (2004). Apesar disso, no gráfico 3 nota-se que, do total de cães, apenas 35% demonstram comportamentos agressivos, dentre eles, menos da metade (47,62%) são machos.

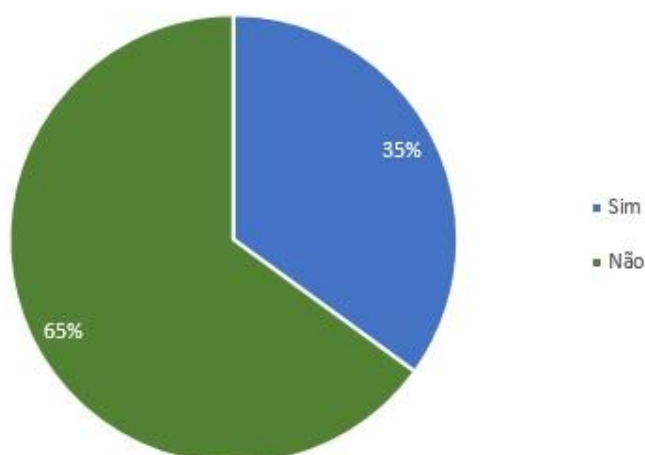


Figura 4. Distribuição percentual dos sinais de agressividade.

Sabendo-se que a agressão pode ter diversas causas, associa-se principalmente a falta de socialização adequada e as condições em que o cão habita, sendo essa talvez a razão de números considerados satisfatórios, visto que 86,67% desses animais foram adquiridos com idade inferior a 12 meses, considerado como o período de socialização dos cães, no qual eles iniciam suas interações sociais e maior aprendizado. É também neste período que ocorre a maturação de características físicas, neurológicas e comportamentais (Beaver, 2001), e o contato com pessoas, outros animais, espaços, objetos e sons é extremamente importante. Os cães que não são socializados de forma correta têm mais tendência a apresentarem problemas comportamentais no futuro, tornando-se possivelmente um animal mais ansioso e consequentemente mais agressivo, como mecanismo de defesa. Esse fato aumenta a importância em relação à socialização desses animais, objetivando assim o bem-estar não só deles, mas também dos proprietários e da sociedade (Serra, 2005).

Um fato relacionado à agressividade é que, nesta pesquisa, dos 35% dos animais considerados agressivos, 57,14% deles são animais de pequeno porte, enquanto 33,33% e 9,53% são de animais de médio e grande porte, respectivamente. Esse resultado talvez seja explicado pelo maior cuidado dos proprietários em relação ao treino e educação de cães de raças maiores, devido ao maior dano causado por eles em episódios de agressividade. O que não ocorre com os cães menores que, além de possuírem acesso a toda a residência, vivendo, de certa forma, mais próximos aos proprietários, têm a agressividade demonstrada por eles mais tolerada por seus donos, inclusive os comportamentos destrutivos. Porém, é importante salientar que existem outros fatores que podem ter influência sobre o comportamento do animal, dentre eles a raça e características genéticas.

Ao avaliar as situações nas quais os cães costumam mostrar mais agressividade, os entrevistados puderam optar por mais de uma alternativa, e os resultados mostraram que a maioria dos cães são agressivos com pessoas desconhecidas (38,46%) e com outros animais (30,77%) (Gráfico 4), resultado semelhante ao encontrado por Soares *et al.*, (2010) em um estudo sobre a epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil. Geralmente, esse tipo de agressão é direcionado a pessoas e outros animais que não são familiares para o cão, ou seja, não fazem parte da “matilha” (Landsberg *et al.*, 2004), sendo este um comportamento natural da espécie canina, advinda de seus ancestrais, podendo estar relacionado à proteção e à demarcação de território.



Figura 5. Distribuição percentual do momento em que o animal mostra-se agressivo.

Dentre o total de cães avaliados, verificou-se que, independente do sexo, 76,67% deles não eram castrados. O método de castração é geralmente utilizado para a redução de comportamentos sexuais indesejados e outros problemas comportamentais, como a agressividade (Bamberger and Houpt, 2006). Confirmando este fato, entre os cães que apresentaram agressividade, 66,67% não eram castrados. Esse resultado reforça a importância da castração na socialização desses animais, visto que, segundo Bortoloti & Agostino (2007), os animais castrados, sobretudo os machos, tornam-se menos agressivos, facilitando dessa forma a sua convivência em locais públicos, principalmente com outros cães.

Com relação ao adestramento, apenas 18,33% dos entrevistados afirmaram que o cão já passou por este processo. O adestramento ajuda a evitar comportamentos não desejados pelo proprietário, tornando o animal mais concentrado e de fácil convivência com humanos e outros animais. Dentre os animais que apresentaram sinais de agressividade, 80,95% deles não passaram por nenhum processo de adestramento, ratificando, portanto, essa afirmativa.

Sabe-se que, além do sexo, a idade, a raça e o fato de os cães coabitarem com outros animais pode influenciar na manifestação de agressividade, porém, nesta pesquisa, nenhuma dessas variáveis obteve um resultado influente.

É indiscutível a importância dos passeios diários para o cão. Dentre as principais vantagens estão a maior interação entre ele e o seu proprietário, o desenvolvimento da disciplina e treinamento e a socialização com outros cães (APIPA, 2016). Cientes de todos esses benefícios, 83,33% dos tutores afirmaram passear com seus cães diariamente (Gráfico 5). Esse fator foi determinante para definir o temperamento do animal, considerado pela maioria dos proprietários como calmo (50%). Os passeios também são a principal fonte de exercícios, além de ajudar o animal a preencher mais o tempo, proporcionando distração,

diminuindo assim maus comportamentos como a agitação excessiva, causada pela combinação de excesso de energia e afeto mal direcionado (Millan, 2013). Apesar disso, uma parcela considerável dos cães foi definida por seus donos com temperamento agitado (31,67%), o que pode ser justificado pela faixa etária desses animais, visto que mais da metade dos que apresentaram esse comportamento (52,63%) tem idade igual ou inferior a 12 meses. Cães jovens devem receber quantidades de exercícios e brincadeiras de forma compatível com suas exigências individuais, pois são mais ativos e brincalhões que os cães adultos (Landsberg *et al.*, 2004).

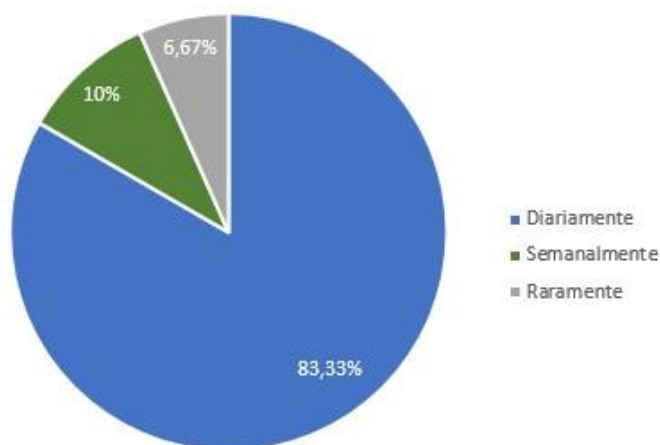


Figura 6. Distribuição percentual da frequência de passeios.

Quando questionados se o cão resiste a posturas submissas, apenas 21,67% dos entrevistados responderam que sim (Gráfico 6). Porém, foi observado que a maioria deles desconhecia a questão da dominância canina, mostrando-se indiferentes a estar ou não na liderança. Em contrapartida, 55% desses tutores afirmaram que durante o passeio o cão se posiciona à frente, puxando a guia, o que é interpretado por alguns autores como um indicativo de liderança. De acordo com Rossi (1999), todos os cães estabelecem hierarquias, e a família a qual eles pertencem é a sua matilha. Sendo assim, o proprietário deve assumir a posição de líder a fim de controlar o animal, impedindo que ele dispute essa posição e apresente comportamentos agressivos (Millan, 2007). No entanto, esse tema ainda é muito controverso. Soares (2014) diz que a dominância está relacionada à prioridade de acesso ou controle de certos recursos, podendo ou não estar associada à agressividade.

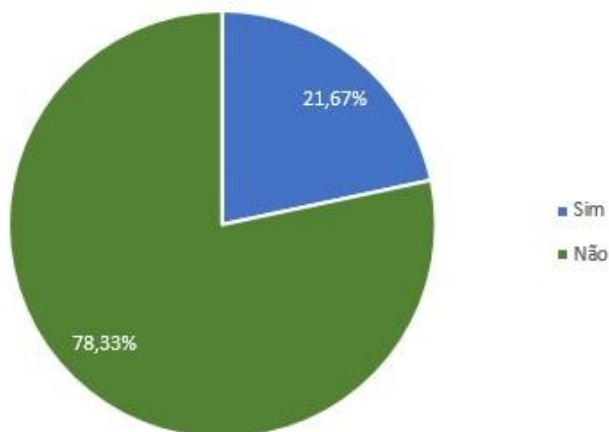


Figura 7. Distribuição percentual sobre a resistência a posturas submissas.

Atualmente, a convivência entre o cão e seu dono tem sido de uma relação muito próxima, criando entre eles um tipo de apego social, como membros de uma mesma família (Sable *et al.*, 2013). As condições em que esses animais são criados é um aspecto muito importante, pois têm influência direta no comportamento exibido por eles. Por serem animais sociais, o vínculo com o seu grupo, para o cão, é um elemento essencial para a sua estabilidade emocional. Portanto, a correria da sociedade moderna e o isolamento em ambientes confinados, como apartamentos com espaços reduzidos, vem prejudicando seriamente o bem-estar dos mesmos, desenvolvendo muitas vezes uma condição clínica conhecida como ansiedade de separação, que se caracteriza por comportamentos exibidos pelo cão na ausência de uma figura de apego (Appleby & Pluijmakers, 2004).

Os comportamentos mais comumente relatados, segundo Soares *et al.*, (2010) são as vocalizações excessivas, seguidas dos comportamentos destrutivos e depressivos. Neste contexto, os tutores foram indagados sobre quanto tempo, em dia comum, o cão era deixado sozinho. A maioria deles informou que o cão passa entre duas e quatro horas (40%) e de cinco a oito horas (40%), semelhantemente. Logo em seguida, quando perguntados sobre a atitude do animal ao ficar sozinho em casa, 75% responderam que o cão se comporta bem (Gráfico 7), inclusive passando a maior parte do tempo dormindo, confirmando, mais uma vez, a importância dos passeios diários que, de acordo com Millan (2013), fazem com que o nível de energia do animal chegue a níveis mínimos, proporcionando relaxamento.

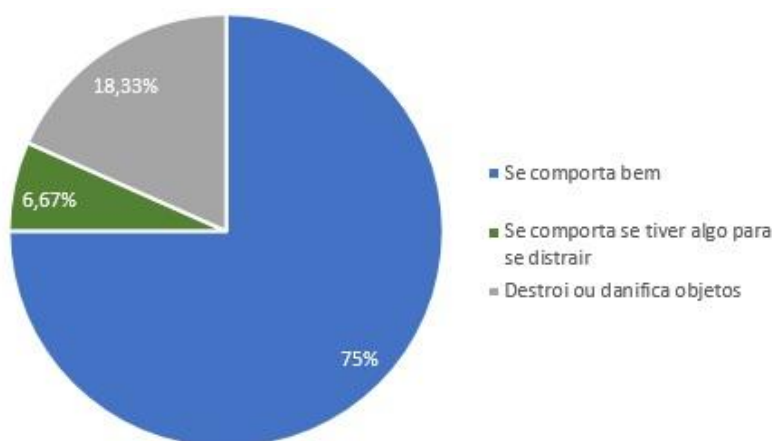


Figura 8. Distribuição percentual do comportamento do cão quando deixado sozinho.

A ociosidade é considerada pelo mesmo autor uma das principais causas do desenvolvimento de comportamentos obsessivos em cães, que incluem a automutilação, perseguição de cauda e caçada a moscas imaginárias. Apesar de alguns autores, como McCrave (1991), não considerar o transtorno obsessivo-compulsivo como uma manifestação da síndrome de ansiedade de separação, Soares *et al.*, (2010), através de seu estudo, sugeriu a associação entre esses dois quadros mórbidos. Sendo assim, os inquiridos foram interrogados sobre a apresentação desse tipo de comportamento por seus cães, tendo 75% afirmado negativamente.

5. CONCLUSÃO

Considerando a avaliação realizada através dos questionários, pôde-se concluir que o desenvolvimento de alterações no comportamento social do cão está relacionado às condições em que eles vivem e à relação que mantém com seu proprietário. A frequência de passeios mostrou-se associada a baixos níveis de agressividade e ansiedade, promovendo não só o bem-estar físico desses animais, como um correto processo de socialização.

O princípio dessa ligação humano-cão, portanto, deve levar em consideração as diferentes necessidades de cada espécie, estabelecendo assim um equilíbrio na forma de interagir, garantindo uma convivência saudável e prazerosa para ambos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, R. Dominance - Making Sense of the Nonsense. 2011. Disponível em: <http://rogerabrantes.wordpress.com/2011/12/11/dominance-making-sense-of-the-nonsense/>. Acesso em: 08 de junho de 2018.
- APIPA. Passeio diário com o cachorro: a importância desta prática. 2016. Disponível em: <https://www.apipa10.org/noticias/publicacoes-da-apipa/dicas-importantes/4202-passeio-diario-com-o-cachorro-a-importancia-desta-pratica.html>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.
- APPLEBY, D. & PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs: the function of homeostasis in its development and treatment. **Topics in Companion Animal Medicine**, v. 19, ed. 4, p. 205-215, nov, 2004.
- AZEVEDO, S.C.S. Percepção do câncer pelos proprietários e sua influência na terapia de cães (*Canis familiaris*) com neoplasias malignas, Rio de Janeiro, 2008. [**Tese de Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Medicina Veterinária** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro].
- BAMBERGER, M. & HOUP, K.A. Signalment factors, comorbidity, and trends in behavior diagnoses in dogs: 1644 cases (1991-2001). **Journal of the American Veterinary Medical Association** 229: 1591-1601. 2006.
- BEAVER, B. V. **Comportamento canino: um guia para veterinário**. São Paulo: Roca, 2001.
- BELYAEV, D. K. Destabilizing selection as a factor in domestication. **Journal of Heredity**, v. 70, n. 5, p. 301-308. 1979.
- BONI, V., & QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Tese**, 2. 1. 68-80. 2005.
- BORDIN, A.D. Síndrome da ansiedade de separação (SAS): quadro clínico, repercussões no bem estar animal e no vínculo humano-animal. Porto Alegre, 31f. 2012. **Tese de Conclusão de Curso** [Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Porto Alegre], Porto Alegre, 2012.

BORTOLOTTI, R; AGOSTINO, R, G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 3, n. 1, p.17-28. 2007.

CARVALHO, A. L. L. & WAIZBORT, R. O cão aos olhos (da mente) de Darwin: a mente animal na Inglaterra vitoriana e no discurso darwiniano. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 36-56. 2008.

COPPINGER, R., and COPPINGER, L. **Dogs: A New Understanding of Canine Origin, Behavior and Evolution**. Chicago, 2002.

COSTA, V. C. F. Comportamento de dominância e as interações sociais do cão. 2015. **Dissertação (Mestrado)** – Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 103. 2015.

DIAS, B.M.C.; COLE, E.F.; LIMA, E.; FUKAHORI, F.L.P.; SILVA, V.C.L.; RÊGO, M.S.A. Ansiedade de separação em cães. **Revisão**. Medicina Veterinária, Recife, v.7, n.3, p.39-46, 2013.

DOMINGUES, A. Cães de porte pequeno são preferência entre os brasileiros. 2017. Disponível em: <http://www.petrede.com.br/cachorros/caes-de-porte-pequeno-sao-preferencia-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 04 de agosto de 2018.

LAMPERT, M. Benefícios da relação homem-animal. **Graduação** (Universidade Federal do Rio Grande do sul. Faculdade de Veterinária. Curso de Medicina Veterinária). 2014.

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2004. 492p.

LANTZMAN, M. Domesticação canina. In: FARACO, Ceres B.; SOARES, Guilherme M. (Orgs.). **Fundamentos do comportamento canino e felino**. São Paulo: MedVet, 2013. cap. 2, p. 13-20.

LARSON, G.; KARLSSON, E. K.; PERRI, A.; WEBSTER, M. T.; HO, S. Y. W.; PETERS, J.; ...LINDBLAD-TOH, K. Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology and biogeography. **PNAS**, Washington, v. 109, n. 23, p. 8878-8883. 2012.

LORENZ, K. L. **A Agressão – Uma história natural do mal**. Lisboa: Relógio D'água, 2001. 327p.

MCCRABE, E. A. Diagnostic criteria for separation anxiety in the dog, **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 21, p.247-256, 1991.

MILLAN C. **Be the Pack Leader**. Hodder & Stoughton Ltd, 2007.

MILLAN, C. **Guia rápido para um cão feliz: 98 dicas e técnicas essenciais**. Campinas, SP: Verus, 2013.

MUNDIM, A.P.M.; SCATENA, J.H.G.; FERNANDES, C.G.N. Agressividade canina a seres humanos: reação normal ou alteração comportamental motivada pela raiva? **Clínica Veterinária**, n. 67, p. 84-88, 2007.

NOVAIS, A.A.; LEMOS, D.S.A.; FARIA JUNIOR, D. Síndrome da ansiedade de separação (SAS) em cães atendidos no hospital veterinário da Unicastelo, Fernandópolis, SP. **Ciência Animal Brasileira**. Goiânia, v.11 n.1, p. 205-211. 2010.

OVERALL, K.L., TIIRA, K., BROACH, D., BRYANT, D. Genetics and behavior: a guide for practitioners. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 44, ed. 3, p. 483-505. 2014.

PADOVANI, C. Perfil dos tutores de pets e sua percepção sobre o médico-veterinário. **Boletim APAMVET**, 8(1), 15-17. 2017.

PAIXÃO, R.L. & MACHADO, J.C. 2015. Conexões entre o comportamento do gato doméstico e casos de maus-tratos, abandono e não adoção. **Revista Brasileira de Direito Animal** 10 (20): 137-168.

RONDIDONI, G. F. A domesticação do cão, seu comportamento agressivo e seu tratamento. 2000. Disponível em: <http://www.redevet.com.br/index.php/profissionais/na-rede/ibrajournal/113-geral/356-a-domesticacao-dos-caes-seu-comportamento-agressivo-e-seu-tratamento?showall=1> Acesso em : 10 de junho de 2018.

ROSSI, A. In: **Adestramento Inteligente**. São Paulo: CMS, p.260, 1999.

ROSSI, A. Do lobo ao cão doméstico. Cão Cidadão. 2010. Disponível em: <http://caocidadao.com.br/dicas/lobo-ao-cachorro-domestico/>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

ROWELL, T. E. The Concept of Social Dominance. **Behavior a Biology** 11 (1974): 131–154.

ROWLES, D. Pack Theory – Is the Domestic Dog Still a Pack Animal? 2009. Disponível em: http://www.streetdogrescue.com/aboutus/Pack_theory.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2018.

ROYAL CANIN. **Enciclopédia do cão**. Ed. Aniwa. 443p, 2001.

SABLE, P. 2013. The pet connection: An attachment perspective. **Clinical Social Work Journal** **41**; 93-99.

SAVOLAINEN P., ZHANG Y., LUO J., LUNDEBERG J., LEITNER T. Genetic evidence for an East Asian Origin of domestic dogs. **Science**, v. 22, n. 298, p.1610-1613, 2002.

SEGURSON, S.A.; SERPELL, J.A.; HART, B.L. Evaluation of a behavioral assessment questionnaire for use in the characterization of behavioral problems of dogs relinquished to animal shelters. **JAVMA**, vol. 227, n.11. 2005.

SERRA, C.M. Avaliação de um método para socialização primária de filhotes de cães domésticos e seus efeitos nos participantes. 2005. 87f. **Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária)** – Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

SOARES, G., DANTAS, L., D, J. M., PAIXÃO, R. Epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil: inquérito entre médicos veterinários de pequenos animais. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.40, n.4, p.873-879, abr, 2010.

SOARES, G. M. Avaliação de fatores de influência na manifestação da agressividade em cães, Niterói, 2010. 96f. **Tese (Doutorado em Clínica e Reprodução Animal)** - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SOARES, G.M.; PEREIRA, J.T. & PAIXÃO, R.L. 2010. Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento. **Ciência Rural** **40** (3): 548-553.

SOARES, G. Dominância canina. 2014. Disponível em: <http://comportamentoanimal.blogspot.com/2014/05/dominancia-canina.html>. Acesso em: 18 de abril de 2018.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 1500-1800. 2001.

VILÀ, C., SAVOLAINEN P., MALDONADO J. E., AMORIM I. E., RICE J. E., HONEYCUTT R. L., CRANDALL K. A., LUNDEBERG J., WAYNE, R. K. Multiple and ancient origins of domestic dog. **Science** 276(5319): 1687-1689. 1997.

YIN, S. Dominance Versus Leadership in Dog Training. Understanding Behavior Compendium. 2007. Disponível em: <http://www.vetfolio.com/behavior/understanding-behavior-dominance-versus-leadership-in-dog-training>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

ANEXO 1

Questionário de avaliação do comportamento social dos cães

1. Idade do proprietário:

☐ 18 a 24 ☐ 24 a 34 ☐ 34 a 44 ☐ 44 a 54 ☐ mais que 54

2. Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

3. Tipo de moradia: ☐ Casa ☐ Apartamento

4. Qual a idade do cão? ☐ ≤ 1 ☐ 2 a 4 ☐ 5 a 8 ☐ > 8

5. Porte do animal: ☐ Pequeno ☐ Médio ☐ Grande

6. Sexo do animal: ☐ Fêmea ☐ Macho

7. Possui raça definida? ☐ sim - qual: _____ ☐ não

8. Qual a finalidade da criação?

☐ Companhia ☐ Cão de guarda ☐ Guarda e Companhia

9. Qual o local de criação do cão? ☐ Dentro de casa ☐ Fora de casa ☐ Dentro e fora de casa

10. O cão é criado: ☐ Preso ☐ Solto

11. Seu animal apresenta sinais de agressividade? ☐ Sim ☐ Não

12. Em que momento o animal mostra-se agressivo?

☐ No manuseio ☐ Ao mexer no comedouro

☐ Ao mexer em um objeto específico ☐ Ao ser contrariado ou punido

☐ Aproximação de pessoas desconhecidas ☐ Aproximação de outros animais

13. Que idade tinha o seu cão quando você o adquiriu? ☐ ≤ 1 ☐ 2 a 4 ☐ 5 a 8 ☐ > 8

14. Seu cão é castrado? ☐ Sim ☐ Não

15. Seu animal já passou por algum processo de adestramento? ☐ Sim ☐ Não

16. Seu cão coabita com outros animais? ☐ Sim ☐ Não

17. Com que frequência você passeia com seu cão? ☐ Diariamente ☐ Semanalmente ☐ Raramente

18. Você considera o seu cão: ☐ Calmo ☐ Equilibrado ☐ Agitado

19. Seu cão resiste a posturas submissas? ☐ Sim ☐ Não

20. Durante o passeio, qual a posição do cão?

☐ À frente, puxando a guia ☐ À frente, sem puxar ☐ Ao lado ☐ Um pouco atrás

21. Quanto tempo, em dia comum, o cão é deixado sozinho?

☐ < 2 horas ☐ 2 a 4 horas ☐ 5 a 8 horas ☐ > 8 horas

22. Ao ficar sozinho em casa, o cão:

☐ Se comporta bem

☐ Se comporta se tiver algo para se distrair (um brinquedo, um osso)

☐ Não pode ficar sozinho que acaba destruindo ou danificando objetos

23. Seu cão apresenta algum Distúrbio obsessivo? ☐ sim ☐ não